

O Sonho de Cícero

Hoje peço aos queridos leitores que deixem de lado, por alguns instantes, outras preocupações do dia a dia e deem um dedinho de prosa com nosso herói Cícero; noutro dia lhes apresento melhor Cícero, um mestre digno de sua profissão, vivido, experiente, viajado e autor das maiores façanhas de que se tem notícia até os dias de hoje!

Aconteceu, quase por acaso, de Cícero ser convidado a trabalhar uma temporada lá pelas bandas de uma tal Grécia. Creio que muitos de vocês já ouviram falar da Grécia, que é o país inventor das Olimpíadas.

Cícero sempre foi excelente padeiro e bom confeiteiro, habilidades pelas quais se fez conhecer mundo afora! Ele foi convidado para trabalhar numa terra tão distante porque faltavam profissionais na arte da panificação no mercado de trabalho grego. E, falando em trabalho, cabe aqui uma explicação: o pessoal que vivia na Grécia na época do ocorrido - cá entre nós - não era muito dado ao esforço físico não. Era um povo muito hospitaleiro, pensador por natureza, que gostava de filosofar e debater as suas idéias em praça pública, mas... trabalhar que é bom, “neca”! Eram até muito inteligentes, inventores da democracia, da geometria, da matemática moderna, da mitologia com seus monstros esquisitos e outras doidices mais. De resto deixavam o esforço físico por conta dos escravos e dos estrangeiros!

A Grécia tinha um grave problema: como, na verdade, era um conjunto de ilhas, Cícero gastava muitas horas em cansativas viagens, a pé, a cavalo, de barco... isto fez nosso pequeno herói repensar um antigo sonho de criança: construir um belo par de asas, para voar acima das nuvens, sem montanhas, rochas ou lagos que impedissem seu caminho! A esta altura, os leitores mais apurados podem então se lembrar deste fato, vez por outra comentado nas rodas de bate-papo: o sonho de Cícero era voar!

Cheio de boas intenções, com uma grande idéia na cabeça, mas um pouco afofado, ele construiu um belíssimo par de asas. Subindo o mais alto monte da velha Grécia, o monte Olimpo, se lançou no vazio do despenhadeiro a fim de ganhar os ares!

Vencido o medo inicial, Cícero ficou completamente extasiado, surpreso e muito feliz com a magnífica visão que vislumbrava. Enquanto ganhava altura nosso amigo pensava em tudo o que passou para chegar até ali; todos os obstáculos que venceu; a vantagem de voar acima dos demais; a possibilidade de ir onde quer que sua imaginação o levasse; romper as nuvens e conquistar o céu; vencer as tempestades e voar bem juntinho do sol, aquecido e confortável... Mas o pior estava por vir e sem que ele percebesse, logo, logo, aquele céu de brigadeiro selaria o seu destino.

Na medida em que subia cada vez mais, suas asas começaram a desmontar por causa do forte calor que vinha do sol. Imaginem que situação: as tiras se soltavam, as penas descolavam, as asas se quebravam como biscoito e nosso amigo se precipitava no abismo! Não havia o que fazer senão aceitar tão triste sina!

Enquanto descia, numa velocidade cada vez maior, sua expressão de alegria se transformava em agonia e aquele belo sorriso já não sorria; se arreganhava num imenso par de bochechas que esticavam até suas orelhas, num pálido riso amarelo, flácido e sem graça. Milhares de idéias povoavam sua débil mente: “Por que não fiz um plano de vôo?”, “Por que não pedi ajuda aos excelentes engenheiros gregos?”, “Por que não usei matérias-primas de melhor qualidade?”, “Ah, se pego o vendedor que empurrou este creme de confeiteiro, que usei no lugar de cola!”, “Por que logo este fondant, que não firmava, mas usei para modelar as penas?”, “E aquele reforçador, que usei na massa com a qual fabriquei as asas?”. “Se arrependimento matar melhor que me mate agora, enquanto não me esborracho no solo” – pensava ele. E aqui já podemos antever o triste fim do homem que sonhava voar como os pássaros!

Na medida em que as rajadas de vento lhe secavam as lágrimas, sua visão se turvava e distorcia. E foi em meio a esta secura, vesgo e atordoado, que nosso herói, já bem mais perto do chão – e de seu fim – conseguiu enxergar o leito de sua morte: a imensa planície gelada, cheia de brancura e com alguma grama sobrevi-

vente, num verde apagado e careca, mas resistente. Era quase uma revelação divina, digna de sua história: “Como esta grama sobrevive em meio ao gelo?”, “Como vence a crosta de neve e busca a luz do sol?”. “É...” – concluía – “A eterna luta da vida contra a morte!” E isto até lhe trouxe belas lembranças de uma outra viagem que fizera ao Pólo Norte.

Num último piscar de lucidez, Cícero percebe o engano da visagem que não existia: “Gelo? Que gelo?”, “Grama seca? Que seca?”. “Estou na Grécia, em pleno verão!” – repensa. Firmando melhor sua visão percebe que está diante de uma gigantesca torta de merengue, caprichosamente salpicada com raspas de casca de limão! Animado com a possibilidade de sobreviver, outras questões arrebataam nosso herói: “Quantos confeiteiros trabalharam para fazer esta torta?”, “Quanto foi gasto de açúcar?”, “Qual seria a margem de lucro ideal para ser bem vendida?”.

Tempos depois um outro aventureiro, um tal Ícaro, tentou repetir a experiência de Cícero e teve um grande azar, porque cometeu praticamente os mesmos erros; não aprendeu nada com a história e, afinal, outra torta de merengue lá não apareceu para salvar sua pele! Aliás, é esta segunda versão da estória que a maioria de vocês conhece.

Os prezados leitores já sabem onde podemos chegar com este conto? Ah, sim... quem colocou a torta de merengue lá? Como Cícero sobreviveu - se sobreviveu? Como foi aquela viagem que fez ao Pólo Norte? Bom, estas são histórias que deixamos para outras edições!



Autor: Daniel de Oliveira Nunes - Consultor de Empresas, Técnico em Alimentos e Estudante de Pedagogia.

Revisão: Professora Rosa Maria Cuba Riche

Ilustração: Leandro Mendes